

AMULHER E A FEMINILIDADE NA TEORIA PSICANALÍTICA: PERMANÊNCIAS E RUPTURAS A PARTIR DOS ESTUDOS DE FREUD E LACAN

Erikson Henrique Ferrarini¹

Milena Mikollaiow Engers²

Rafaella Schmidt Vilas Boas³

Joyce Kelly Pescarolo⁴

Consuelo de Almeida Vasques Fernandes⁵

RESUMO

O presente artigo é fruto de um projeto do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC) da FAE Centro Universitário juntamente com o grupo de estudos e pesquisas Psicanálise, Cultura e Subjetividades. Nos últimos semestres temos estudado o tema da feminilidade e pudemos perceber que, no que tange a essa temática, de Freud a Lacan, observamos mudanças conceituais e de perspectivas dentro da teoria psicanalítica. Assim, temos como objetivo explorar a concepção de mulher e de feminilidade para a psicanálise a fim de encontrar as rupturas e permanências acerca do tema, desde as primeiras discussões freudianas, até a contemporaneidade. Para tanto percorreu-se escritos de Freud a Lacan, bem como, autores contemporâneos como Colette Soler. Frente ao conteúdo dos materiais, expõem-se, então, a mulher para Freud, e a descrição do que podemos identificar como sendo a noção de feminilidade, até os avanços de Lacan com a concepção do não-todo. Apresentando então a visão dos autores sobre o tema, objetivamos compreender quais as principais diferenças, pontos de convergência e de tensionamento. O tema nunca deixa de ser atual, visto ser uma das principais questões na clínica psicanalítica: a relação da mulher e do homem com a feminilidade.

Palavras-chave: Mulher. Feminilidade. Psicanálise. A Mulher Não-toda Fálica.

¹ Aluno do 5º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2022-2023). *E-mail:* erikson.ferrarini@mail.fae.edu

² Aluna do 9º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2022-2023). *E-mail:* milena.enger@mail.fae.edu

³ Aluna do 7º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2022-2023). *E-mail:* rafaella.boas@mail.fae.edu

⁴ Orientadora da Pesquisa. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Professora da FAE Centro Universitário. *E-mail:* joyce.pescarolo@fae.edu

⁵ Orientadora da Pesquisa. Mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professora da FAE Centro Universitário. *E-mail:* consuelo.fernandes@fae.edu

INTRODUÇÃO

Ao anunciar a existência de uma sexualidade infantil, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (2016b) inscreve a sexualidade no registro das representações psíquicas inconscientes e do desejo, deslocando-a da ordem biológica. A partir disso, passa a existir um corpo pulsional em relação ao psiquismo, o que vai além da noção de instinto. Relembra-se, então, que entre os séculos XVIII e XIX, houve uma mudança no olhar da clínica médica. Abriu-se espaço para a palavra, de modo que, o médico, até então apenas interessado em saber “onde dói”, começou a questionar “o que você tem?”. Tal recolocação promoveu lugar para os sujeitos não só mostrarem onde dói, mas contarem a história sobre a dor (DUNKER, 2021).

Em “Estudos sobre a histeria (1892-95)”, Freud (2016a) aborda suas experiências com a escuta das mulheres e revela a presença de fantasias e desejos eróticos marcados por experiências sexuais infantis. Mas, no entanto, apagados pela sociedade que se debruçava em questionar o papel da mulher, a sexualidade, o feminino e o poder (DOMINGUES, 2008).

Por meio dessa ação singular de escutá-las, Freud as inclui na ordem pulsional e cultural, como também, aponta que o sintoma histérico seria a manifestação dos efeitos da exclusão social e da repressão imposta às mulheres. Neri (2002, apud DOMINGUES, 2008, p. 123), demonstra que o mal-estar feminino e a condição da mulher são determinados pelos efeitos da cultura, e a histeria é o sintoma desse estado de coisas.

É evidente que a questão de gênero, sobretudo, das distintas formas de ser mulher, ainda enfrenta inúmeros embates nas esferas sociais e individuais de cada uma. Também é claro que transformações ocorreram, e que o debate têm sido presentificado e disseminado nos espaços. A literatura psicanalítica reportada por Freud (1996b), Lacan (2009), Arán (2000), Zalcborg (2008), André (1998) e Soler (2005), mostra que a feminilidade promove dezenas de indagações. Aproximar-se da compreensão de que forma os questionamentos se apresentam na atualidade possibilita construir novas representações, propostas e lugares tanto à mulher quanto ao feminino.

Diante disso, esta pesquisa debruçou-se sobre o feminino, a feminilidade e a mulher nos tempos atuais através de um olhar com referencial psicanalítico. Buscou-se por rupturas e permanências nos estudos de Freud a Lacan, para tanto, analisou-se discursos e concepções da mulher e do feminino ao longo da história, sobretudo na psicanálise. De início hipotetizou-se se haveria algo atemporal na feminilidade.

Colette Soler (2005), no texto introdutório de “*O que Lacan dizia sobre as mulheres*”, recorda a afirmação de Freud de que sem a presença das mulheres talvez

não tivesse desenvolvido a teoria psicanalítica. E, desse modo, para que seja possível introduzir as reflexões que surgiram a partir dos escritos do austríaco, faz-se necessário retomar o referencial teórico tanto no que tange a emergência do conceito quanto às nuances epistemológicas posteriores.

Por um viés inicial, a partir de Freud, o feminino, foi reportado apenas como faltante. Todavia, complexificações foram elaboradas nas sequências de estudos e, posteriormente, criou-se outras produções acerca do tema. Para Malvine Zalcberg (2008), por exemplo, a incompletude do feminino não está, em absoluto, centrada em “menos”, através do qual costumava-se defini-lo, mas, pelo contrário, o que está em questão é uma ideia de “não-todo” - concepção a qual Lacan desenvolveu em vários pontos de suas obras e que será reportado mais adiante. A formulação do não-todo evidencia os impasses diante das tentativas fracassadas de encerrar o conceito, e promove uma ampliação do horizonte.

O feminino, portanto, refere-se, entre outros aspectos, às mulheres, aos gêneros, ao processo de sexualização, e a um leque de dizeres, embora, naquilo que o conceito abarca, não se possa dizer tudo. O que poderia, então, ser suposto da condição do feminino, da mulher e da feminilidade? Maria Rita Kehl (2008), quando investiga as relações da mulher com a feminilidade, seus ajustes e desajustes produzidos pelo campo cultural, propõe um estar deslocado. No entanto, é necessário adentrar no debate para compreender se a mulher de hoje carrega ou não um traço da mulher passada, além de quais mudanças e quais permanências se fazem presentes.

Para tanto, como já abordado, a metodologia enveredou-se por um levantamento teórico de referencial psicanalítico que bebeu de autores tanto clássicos como contemporâneos. Portanto, não se pretendeu realizar uma pesquisa de campo, e sim, unicamente, teórica. A seguir, serão expostos as articulações e os estudos acerca do assunto proposto. Além disso, é válido pontuar que tal pesquisa é fruto do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC) da FAE Centro Universitário e esteve, também, ligada a um grupo de estudos e pesquisas em Psicanálise, Cultura e Subjetividades, coordenado pelas professoras Joyce Kelly Pescarolo e Consuelo de Almeida Vasques Fernandes. Na atualidade, o grupo debruça-se, em especial, no que concerne às questões de gênero e a psicanálise.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A QUESTÃO DA FEMINILIDADE EM FREUD

A sexualidade humana é tema central na vida dos sujeitos e na psicanálise, sendo impossível, desde a descoberta freudiana do inconsciente, apelar para o instinto para explicá-la. O inconsciente, definido por Laplanche e Pontalis (1991, p. 236), em “Vocabulário da Psicanálise”, como “a principal e incontestável descoberta freudiana”, não conhece a biologia. Nas palavras de Colette Soler (2005):

Ao fazer do complexo de castração a encruzilhada do tornar-se homem ou mulher, Freud introduz, ao menos implicitamente, a ideia de uma desnaturação do sexo no ser humano. O ser sexuado do organismo, que aliás não se reduz à anatomia, não basta para criar o ser sexuado do sujeito (SOLER, 2005, p. 20).

Sendo fato psicanalítico de que a construção sexual do ser humano não é definida por suas características biológicas, lança-se a questão: “como se constitui uma mulher?”. Freud inicia suas formulações sobre a feminilidade e masculinidade a partir dos trabalhos que discorrem sobre bissexualidade, complexo de castração e complexo de Édipo.

Nos “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud (2016b) aponta a bissexualidade como originária na constituição do ser humano:

Desde que tomei conhecimento da noção de bissexualidade, considero esse fator decisivo e acho que, sem levar em conta a bissexualidade, dificilmente poderemos chegar à compreensão das manifestações sexuais que realmente se observam no homem e na mulher (FREUD, 2016b, p. 140).

Em notas acrescentadas a este mesmo trabalho em 1915, Freud retoma a escolha objetual como escolha inconsciente, sem relação causal com o sexo do objeto, algo da subjetividade humana:

Para a psicanálise, isto sim, a escolha objetual independente do sexo do objeto, a possibilidade de dispor livremente de objetos masculinos e femininos, tal como se observa na infância, em estados primitivos e épocas antigas, parece ser a atitude original, a partir da qual se desenvolvem, mediante restrição por um lado ou por outro, tanto o tipo normal como o invertido (FREUD, 2016b, p. 35).

Em “A Organização Genital Infantil”, Freud (1996d) afirma que ambos os sexos estão submetidos à primazia do falo, segundo a qual só há um órgão com papel estrutural: o masculino (papel que será discutido adiante no tópico a Feminilidade em Lacan). Em 1924, Freud escreve “A dissolução do Complexo de Édipo”, e deixa claro o posicionamento estrutural do Complexo de Édipo no desenvolvimento da sexualidade Humana.

O complexo de Édipo da menina é muito mais inequívoco do que o do pequeno portador de pênis; segundo minha experiência, raramente vai além da substituição da mãe e da postura feminina diante do pai. A renúncia ao pênis não é tolerada sem uma tentativa de compensação. A garota passa — ao longo de uma equação simbólica, poderíamos dizer — do pênis ao bebê, seu complexo de Édipo culmina no desejo, longamente mantido, de receber do pai um filho como presente, de lhe gerar um filho. (FREUD, 1996c, p. 189)

Posteriormente, na Conferência “Feminilidade”, Freud (1996b) afirma que para a menina tornar-se uma mulher, além do desejo de ter o falo, ela deve mudar de objeto amoroso da mãe para o pai, destacando que o que direciona a menina não é a atração pelo pai, mas sim a repulsão pela mãe. Segundo Freud (1996b, p. 205), esta mudança “das ligações afetivas do objeto materno para o paterno constituiu o teor principal do desenvolvimento que leva à feminilidade”. Na teoria freudiana, a inveja do pênis e o complexo de castração são os marcos de acesso à feminilidade. Sobre a mulher freudiana, Colette Soler aponta:

A feminilidade da mulher deriva de seu “ser castrada”: mulher é aquela cuja falta fálica a incita a se voltar para o amor de um homem. Primeiro é o pai, ele próprio herdeiro de uma transferência do amor primordialmente dirigido à mãe, e depois o cônjuge. Em resumo: ao se descobrir privada do pênis, a menina torna-se mulher quando espera o falo — ou seja, o pênis simbolizado — daquele que o tem (SOLER, 2005, p. 28).

Assim, até o presente momento, na teoria freudiana, não se conhece a mulher, pois é definida somente por suas parcerias com o homem. Em “*Análise terminável e interminável*”, contudo, Freud (1996e, p. 204) nomeia “na mulher, a inveja do pênis — a positiva aspiração a possuir um genital masculino — e, no homem, a revolta contra sua atitude passiva ou feminina para com outro homem” como o sendo um repúdio da feminilidade. Embora afirme que as expressões desta experiência sejam diferentes, para Freud “há óbvias correspondências” (FREUD, 1996e, p. 204) entre os sexos. Assim, nesta análise, Freud inicia o caminho para entender a feminilidade não como um atributo específico da mulher ou do homem, mas como comum a ambos os sexos, viés que Lacan irá desdobrar em sua teoria.

1.2 A FEMINILIDADE EM LACAN

Há uma dialética evidente entre a produção científica e a conjuntura imediata do momento histórico vivenciado⁶. A concepção dessa relação torna-se ainda mais evidente ao extrair o fator comum que gera esses produtos, ou seja, a presença humana no mundo. Mesmo que uma nota trivial, faz-se importante lembrar esse ponto para prosseguir diante da exposição dos estudos acerca da mulher e da feminilidade dentro da psicanálise, sobretudo, pois adverte-se, desse modo, o risco de articulações críticas anacrônicas vazias de intento científico.

Tal fato, portanto, não foi diferente com as produções de Freud no que concerne a qualquer aspecto elaborado pelo autor durante a obra. Vê-se, a partir do que é possível observar diante do caminho percorrido pelo autor, como demonstrado no tópico acima, que a psicanálise demorou para conceber a diferenciação entre a mulher e a feminilidade⁷. E que mesmo ao fazer, muito se faltou, ainda, para que fosse explicado ou compreendido.

Em suas investigações sobre a sexualidade, Colette Soler (2005), aponta que a configuração biológica é um ponto evidente para as noções psicanalíticas, contudo, ainda que tenha sido a faísca promotora da inflamação do debate, não foi, porém, conclusiva. O questionamento quanto ao que faz de alguém homem, mulher ou nenhum dos dois nunca encontrou sua resposta reduzida somente aos órgãos genitais (SOLER, 2005). Ainda que a concepção sobre ter e ser um corpo tenha grandes implicações sobre tal questão, ao menos na teoria psicanalítica.

Foi, então, ao querer se aproximar dessa resposta que Freud, já ao final de sua trajetória, abordou a feminilidade como constituinte da marcação inaugural do psiquismo⁸, ou seja, como o desamparo⁹. Nesse caso, ainda que a obra tenha sido traduzida, é possível uma reflexão que permeia algo sobre a etimologia dessa palavra.

⁶ Inúmeros exemplos poderiam ser utilizados para demonstrar tal dialética, nesse artigo, sobretudo pelo seu viés, utilizar-se à própria produção psicanalítica como maneira de exemplificação. É sabido que Freud viveu no período entre guerras e possui várias produções que se debruçam e nascem diante de conjunturas sociais, nesse sentido, pode-se citar a obra “Psicologia das massas e análise do eu” (1921) (FREUD, 1996f).

⁷ Em “Análise terminável e interminável” (1996e) Freud pontua, pela primeira vez, uma separação entre mulher e feminilidade.

⁸ Novamente, em “Análise terminável e interminável (1996e)”.

⁹ Rita Maria Manso de Barros e Vivian Martins Ligeiro em “O que é ser mulher? entre o enigma e o desamparo” (2020) apresentam o enigma e o desamparo como resultantes do encontro devastador de uma criança com seu corpo, sobretudo as que se notam sem o pênis. As ambivalências sentidas pelos genitores durante a busca pela suposta parte que falta desembocam em uma saída não linear do complexo de Édipo. E a partir disso, são capturadas, então, pelo enigma de “que quer o Outro?” e pelo desamparo que o medo de perder o amor - de sua mãe - gera.

Portanto, como substantivo masculino, desamparo, a partir do Houaiss, representa o “estado daquilo que ou de quem se encontra abandonado, privado de ajuda material e/ou moral”, bem como, no sentido de verbo - transitivo direto - pode significar “privar(-se) de arrimo, escora, segurança” ou “deixar de sustentar, faltar, fraquejar” (HOUAISS, 2001).

Não obstante, como um processo científico que preza por sua natureza criativa de fabricação a partir do vazio, a elaboração de Freud em nenhum momento foi dada como a essência da verdade, e sim o oposto. O autor abriu caminho e convocou que as próximas gerações de estudos sobre a psicanálise continuassem a se debruçar diante da mulher e da feminilidade ao apontar para as diversas lacunas em suas descrições.

Lacan, então, é um dos nomes que prossegue a construção. Já atravessado por outro tempo e outras historicidades de estudos, como a linguística, o autor promove um salto no modo de conceber o que está sendo exposto na medida que, ao contrário de Freud que fecha a questão nos fatos concretos, Lacan abstrai dos fatos concretos seus significados. De tal maneira que reinventa a dinâmica do psiquismo por base do encadeamento entre real, simbólico e imaginário.¹⁰

A partir disso então, Lacan prossegue os estudos revisitando o passado ao trazer à tona o pai da horda primeva¹¹ em uma análise lógica - *matêmica*¹² - sobre o ocorrido. Pois bem, trata-se da lógica fálica¹³, em que um aspecto do real - o corpo - provoca marcas no imaginário do psiquismo que tentam ser elaboradas através do simbólico. O real, portanto, provoca significantes no âmbito do simbólico que fazem função de organização, tanto de algumas estruturas psíquicas, como da esfera social. O significante, então, em torno do qual tal organização ocorre é o falo. Por sua vez, o falo remete à possibilidade da não-castração, tal da qual desfrutou o pai da horda - ao viver sua vida sexual incestuosa, por várias vezes (LACAN, 2009).

A isso Lacan atribui como o *nome-do-pai*¹⁴, ou seja, o significante que evoca a concepção da posse do falo, que, por conseguinte, representa não ser castrado, sobretudo,

¹⁰ LACAN, J. O simbólico, o imaginário e o real. In: LACAN, J. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005b. p. 9-53.

¹¹ Figura descrita por Freud em “Totem e Tabu” (1996i).

¹² Referência aos matemas de Lacan, referente a esse assunto é possível encontrar em “Mais, ainda” (LACAN, 2009).

¹³ “Para Lacan (1998), o falo na doutrina freudiana não é uma fantasia, nem um objeto parcial, muito menos o órgão (pênis ou clitóris) que ele simboliza: o falo é um significante, significante que garante aos outros objetos a possibilidade de se comportarem como equivalentes na ordem do desejo, inseridos no registro da castração. Nas palavras do autor: “O fato é que o desejo, seja ele qual for, tem no sujeito essa referência fálica” (LACAN, 1999, p. 285 apud BONFIM; VIDAL, 2009, p. 544).

¹⁴ LACAN, J. Introdução aos Nomes-do-Pai. In: LACAN, J. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005b. p. 57-87.

sexualmente. Mais tarde¹⁵, o autor atualiza para o plural com *os nomes-do-pai* a fim de reiterar que vários fatores da vida humana também podem fazer a função de falo.

Exposto isso, é possível adentrar na teoria da sexuação¹⁶ de Lacan, momento em que o autor tangencia uma resposta acerca da mulher, inclusive, que concomitantemente, também abarca o porquê da dificuldade de conceber *a* mulher, diferente do que ocorre com o homem.

Para tanto, Lacan lança mão de um jogo de lógica - linguístico - ao apontar a dinâmica entre a regra e a exceção. Pois bem, evidencia ele, o fato de que um só homem pôde circular sem a lei do incesto operar sobre si¹⁷, ou seja, sem ser castrado, produziu, imediatamente, pela revolta e morte, um outro grupo para os quais a lei operava. Em outras palavras, apenas existe o grupo dos castrados porque um dia existiu um alguém não castrado. À vista disso, então, há, para os homens, a formação de uma universalidade (LACAN, 2009).

Em contrapartida, para as mulheres não ocorre a não-incidência sobre a castração, não existe uma mulher que não tenha sido castrada. Nesse sentido dialético de regra e exceção, se não houver uma exceção, não há uma regra. Fato que provoca a não universalização do grupo das mulheres e, portanto, uma referência ao ilimitado. Diante disso, então Lacan propõe que 'A' mulher não existe, justamente, porque não está toda sob a lógica da função fálica (LACAN, 2009).

Exatamente como sugere o nome, a função fálica¹⁸ opera como uma função no sentido estrito de operação matemática - conta que representa o modo como elementos de dois conjuntos atuam entre si - em que há um símbolo de igual entre alguns elementos que equipara os componentes que estão de um lado aos que estão do outro. Desse modo, tem-se que a função fálica é igual a posse do falo - pelo o pai da horda - e a conseqüente não-mais posse dele - pelo resto dos homens da horda após a morte do pai -, ou seja, comporta a incidência da castração.

Por castração, entende-se como uma operação que produz um limite simbólico na subjetividade do sujeito. Notada, ainda quando criança, durante o período em que a libido está percorrendo seu caminho no corpo que, por sua vez, descobre-se erótico. Ela acontece da observação corpórea dos diferentes genitais, e portanto, provoca a derivação simbólica de que um corpo com vagina perdeu algo, e um corpo com pênis está sob o risco de perder esse algo (LAPLANCHE; PONTALIS, 1991, p. 72-76).

¹⁵ LACAN, J. **O seminário, livro 10**: a angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005a.

¹⁶ LACAN, J. **O seminário, livro 20**: mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.

¹⁷ História de "Totem e Tabu" (1996i).

¹⁸ LACAN, J. **O seminário, livro 20**: mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.

Diante disso, o conjunto ‘homem’ está todo sob a lógica da função fálica, porém, as unidades ‘mulher’ não estão por completas inseridas na função fálica, uma vez que os elementos que as simbolizam não as equiparam aos representantes da função fálica. Mesmo porque, o fato de não haver uma universalidade entre elas, provoca que um dos componentes que as concebem, além da castração, é um conjunto não delimitado, aberto até o infinito e, tal qual o infinito, impossível de simbolizar pela linguagem, encontra-se, então, para ele, apenas um sinal representativo (∞).

Em face disso, também, Lacan articulou ideias de gozo fálico e suplementar. O primeiro, todo sob a lógica fálica e o segundo, não-todo, explicitando, não somente sob a lógica fálica. Formas de existir e de gozo que não se complementam e, por isso, não produzem a relação sexual, pois não encontram unidade (LACAN, 2009).

Com o conceito de gozo suplementar, Lacan aponta que não é possível pensar em um universal submetido à lógica fálica, desse modo, ao não existir um mundo inteiro submetido à função fálica, e conseqüentemente, haver inúmeras maneiras-outras possíveis de se reportar a algo, sobretudo, a mulher, Caio Fernando Abreu escreve:

Era uma menina. Embora não quisesse, quase desvairada na negação indireta, recusando atitudes e palavras, que, justamente por afastadas, sublinhavam a sua condição. Aos olhos dos parentes, alheios a seu profundo - mais profundo ainda talvez porque inconsciente, resultante quem sabe de alguma remota frustração -, como ia dizendo, seu profundo ressentimento tomava forma como em todas as meninas: algo meio vago, quase informe, acentuado vezenquando por lacinhos e babadinhos, *como se as frescuras no vestir pudessem compensar o que lhe faltava: a forma*. Ah, como recusavam a sua densidade, como supunham ultrapassá-la quando, na verdade, sequer chegavam à sua periferia. Principalmente: como erravam ao tentar acertar, suas atitudes de curva até o centrozinho dela (que eles ignoravam todo áspero e espinhento) fazendo-se queda lenta, desequilibrada, mesmo grotesca - irremediável queda. (ABREU, 2014, p. 72)

O trecho literário permite acessar o que Lacan aborda sobre o conjunto não inscrito, em especial, por escancarar o sofrimento que se incrusta na existência pela repercussão do não-simbolizado.

1.3 RUPTURAS E PERMANÊNCIAS ENTRE FREUD E LACAN

A psicanálise discute e estuda, desde seu nascimento com a escuta da histeria (FREUD, 1901-1905) até a clínica contemporânea, o tema da feminilidade, no entanto, entende este assunto de diferentes formas na construção de cada autor, ainda que os diferentes discursos tenham semelhanças.

Inicialmente, Freud (1901-1905), tentou compreender a feminilidade como um paralelo à masculinidade, como uma forma geral de menino e menina ao passar pelo complexo edípico. Porém, em “Sexualidade Feminina (1931)” Freud (1996h) avançou ao apontar que a menina escolhe a mãe como objeto libidinal, numa relação pré-edípica, no entanto, depois, a abandona e direciona a escolha objetual para o pai, ainda à procura do falo. Movimentação, essa, que não ocorre com o menino, pois este tem a figura feminina como o objeto libidinal, e não direciona sua busca à procura do falo, já que, simbolicamente, sua falta não está contida neste local.

A partir disso, há três direções possíveis para a menina seguir, porém, mesmo demarcando as saídas edípicas, Freud (1901-1905) afirmou que ainda assim havia algo na mulher que a tornava misteriosa e incompreensível. “O continente negro”¹⁹, sendo a feminilidade um enigma que se apresenta também como uma pauta comum na clínica psicanalítica, o que Freud não conseguiu em seu discurso, marcado pela sua época, descrever sobre. Mas há algo que insiste em escapar às vias edípicas, nas quais Freud se detém em seus textos sobre a feminilidade (KUSS, 2021).

Lacan levantou controvérsias ao iniciar seus estudos sobre a histeria, ao apontar o comum erro clínico de interpretar a feminilidade como a histeria, transformando-a em uma coisa só (SOLER, 2005). Para ele, de acordo com a autora (2005), o voto de ser o falo e a posição na relação sexual que torna a mulher o falo, não indica uma identificação, mas um lugar de complemento do desejo masculino. Ela avança dizendo que “identificar-se com o desejo, que é o caso da histérica, impede a identificação com o objeto de gozo. Essa tese perpassa todo o ensino de Lacan, embora suas formulações tenham variado com o tempo” (SOLER, 2005).

Ainda de acordo com a autora, a vontade de deixar o gozo insatisfeito é o que define a posição histérica. A histérica, ao deixar insatisfeito o desejo do outro, quer um mais-ser. A Posição-Mulher é outra, a pergunta posta por Freud “que quer a mulher?” pode, portanto, ter como resposta “ela quer gozar” (LACAN, 1998). O que leva a pontuação de que “a mulher quer gozar, a histérica quer ser” (SOLER, 2005).

Ao pensar em feminilidade, os autores Arán (2000) e Saad (2002), remetem-se a dois sentidos, primeiro, relacionado à castração, no que tange a impossibilidade de simbolização no sentido de uma negatividade, ou seja, o indizível, além disso,

¹⁹ É fato dado que todo autor produz e é produto de seu tempo, e ao revisitar obras, todo leitor faz isso a partir de sua própria contemporaneidade. Desse modo, tendo em vista os questionamentos atuais acerca das reverberações que as invasões imperiais provocam ainda hoje, cabe tensionar, na leitura atual, a concepção da expressão cunhada por Freud que, evidentemente, tem raízes em uma lógica de dominação colonial e eurocêntrica. E tal qual demonstrou em “Recordar, Repetir e Elaborar” (1996g), é preciso lembrar da história para não a repetir.

relacionada a vida pulsional, apresentam uma positividade no sentido de forma de erogenização não submetida à lógica fálica (CARNEIRO; LAZZARINI, 2016, p. 208). Então a feminilidade, seria o ponto de chegada de um movimento do pensamento freudiano, onde se dá o confronto do sujeito com seu desamparo (BIRMAN, 2001, p. 228, apud CARNEIRO; LAZZARINI, 2016, p. 209). Desse modo, a feminilidade, para Freud:

Corresponde à singularidade da psicanálise não querer descrever o que a mulher é - isso seria para ela uma tarefa quase impossível de resolver - mas, sim, pesquisar como ela se torna mulher, como se desenvolve a partir de criança dotada de disposição bissexual. (FREUD, 1996b, p. 318)

Lacan (2009), em contrapartida, apresentou uma ruptura com o pensamento anterior de Freud, ao afirmar que se os sujeitos masculinos se identificam como os que têm o falo, o sujeito feminino não encontra identificação que se dê conta, e levanta a noção de que “A mulher não existe” como um ideal. Ou seja, há uma singularidade especificamente feminina, uma vez que não existe um conjunto fechado que a abarque.

O feminino, como não opera a partir de um regramento da função fálica, comporta uma invenção no Um a Um, como derivação do que fazer com este gozo, o que uma análise permite realizar para além de sua condição de gênero. Por isso Lacan (2009) aborda a mulher como não-toda, o indizível indicado por Freud. Algo que vai além, como um gozo suplementar, não anatômico, mas enquanto modo de gozar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse ponto, cabe retomar a afirmação de que a feminilidade promove dezenas de indagações, e que, ao ser interrogada, reflete questões de gênero, processos de sexualização, formas de desejar, agir, gozar e papéis a serem representados. Diante do que foi apresentado, vê-se que, de Freud a Lacan, a feminilidade percorre caminhos da sexualidade humana atrelados à função fálica.

Freud, inicialmente, propôs-se a entender a feminilidade com a descoberta do inconsciente e a partir da clínica da histeria. O fundador da psicanálise proporcionou voz às mulheres, historicamente castradas pela sociedade, mas, ao mesmo tempo, as subjugou e submeteu ao amor de um homem. Lacan, no entanto, notou nos escritos do austríaco as pontas soltas da psicanálise, e, então, prosseguiu e aprimorou os estudos acerca das sexualidades. Manteve o enredo fálico, mas mudou a articulação entre os componentes da cena, isso, portanto, possibilitou uma nova leitura sobre a mulher e a feminilidade que esteve à altura de seu tempo. Apontar que a função fálica não é capaz

de capturar tudo do mundo, abriu espaço, conseqüentemente, para encontrar aquilo que está fora dela. Encontrar, porém, não tudo, mas o vislumbre de um horizonte em que as mulheres possam se descobrir em uma pluralidade criativa de ser.

Apoiado, então, nos levantamentos teóricos abordados, emergem outras questões ao pensar sobre a mulher, o homem, a feminilidade e todas as construções estruturadas ao redor da primazia do falo. Mesmo que a mulher seja não-toda inscrita na lógica fálica, ainda se fala dela remetendo-se a função fálica. Existiria, então, um outro modo de discursar sobre a mulher na psicanálise?

Por fim, vale apontar que durante esse estudo não houve intersecção entre a concepção sobre as mulheres no que tange raça e classe, bem como, também não foi possível abarcar para o debate questões além da cisgeneridade. Diante disso, marca-se as ramificações acerca do tema e os diversos vieses que podem ser mais explorados.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. F. **O essencial da década de 70**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ARÁN, M. Feminilidade, entre psicanálise e cultura: esboços de um conceito. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 169-195, 2000.
- BARROS, R. M. M.; LIGEIRO, V. M. “O que é ser mulher?”: entre o enigma e o desamparo. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**, v. 12, n. 1, p. 3-13, 2020.
- BONFIM, F. G.; VIDAL, P. E. V. A feminilidade na psicanálise: a controvérsia quanto à primazia fálica. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 539-548, set./dez. 2009.
- CARNEIRO, C. A.; LAZZARINI, E. R. Origens e destinos da feminilidade em Freud e na contemporaneidade. **Alter: Revista de Estudos Psicanalíticos**, v. 32, n. 2; v. 33, n. 1-2; v. 34, n. 1-2, p. 203-215, 2016.
- DESAMPARO. In: HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#3. Acesso em: 12 jun. 2023.
- DUNKER, C. **Estrutura e constituição da clínica psicanalítica**. São Paulo: Zagodoni, 2021.
- DOMINGUES, M. R. C. **A feminilidade e a mulher na obra de Sigmund Freud**. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.
- FREUD, S. **Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Obras completas, v. 24).
- FREUD, S. **Estudos sobre a histeria (1892-95)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.
- FREUD, S. **Feminilidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 22).
- FREUD, S. **A Dissolução do Complexo de Édipo (1924)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. (Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19).
- FREUD, S. **A Organização Sexual Infantil (1923)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. (Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19).
- FREUD, S. **Análise Terminável e Interminável (1937)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. (Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19).
- FREUD, S. **Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. (Obras completas, v. 19).
- FREUD, S. **O eu e o id, ‘autobiografia’ e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, v. 16).
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 18).
- FREUD, S. **Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. (Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 15).

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, S. **O caso Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos (1911-1913)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996g. (Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 13)

FREUD, S. **Sexualidade feminina**. Rio de Janeiro: Imago, 1996h. (Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 21).

FREUD, S. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1996i. (Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 11).

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b. (Obras completas, v. 6).

KHEL, M. R. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

KUSS, A. S. S. **Amor, feminino e solidão: um estudo psicanalítico sobre invenções da existência**. 2021. 188 f. Tese (Doutorado em Psicanálise) — Instituto de Psicologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

LACAN, J. **A significação do falo (1958)**: escritos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

LACAN, J. **O seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005a.

LACAN, J. **O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante (1971)**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2019.

LACAN, J. **O seminário, livro 20: mais, ainda (1973)**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.

LACAN, J. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005b.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SAAD, A. A. C. Um outro olhar sobre a feminilidade: feminino-singular, o primeiro sexo. **Rev. Bras. Psicanál.**, v. 36, n. 3, p. 603-629, 2002.

SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

ZALCBERG, M. **Amor paixão feminina**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.